



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO DE PSICOLOGIA

CRENÇAS RELIGIOSAS ENTRE OS BEHAVIORISTAS RADICAIS
DE BRASÍLIA

Adriana Gebrim de Sousa

BRASÍLIA, DF
JUNHO/2004

Adriana Gebrim de Sousa

CRENÇAS RELIGIOSAS ENTRE OS BEHAVIORISTAS
RADICAIS DE BRASÍLIA

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
graduação em Psicologia do UniCEUB –
Centro Universitário de Brasília.
Professor Orientador: Carlos Augusto de
Medeiros.

Brasília, junho de 2004.

A minha mãe e irmãos, Fábio e Fernanda,
que tanto me incentivaram e me apoiaram.

Agradeço ao meu orientador Carlos Augusto de Medeiros e também a todos que contribuíram com essa pesquisa.

SUMÁRIO

1. Resumo.....	i
2. Introdução.....	6
3. Método.....	21
3.1. Participantes.....	21
3.2. Materiais e Equipamentos.....	21
3.3. Procedimento.....	21
3.4. Categorias.....	22
4. Resultados.....	29
5. Discussão.....	36
6. Apêndices.....	43
7. Anexos.....	47
8. Referências Bibliográficas.....	78

RESUMO

O presente trabalho visou discutir teoricamente quais são as diferenças e similaridades existentes entre os pressupostos do Behaviorismo Radical enquanto filosofia da ciência e das religiões em geral, bem como verificar como os Behavioristas Radicais, na prática, lidam com essas questões. Para tanto, foi desenvolvida uma pesquisa de campo com mestrados, mestres, doutorandos, doutores e professores em Análise do Comportamento na cidade de Brasília, com o objetivo de verificar se os mesmos possuem crenças religiosas e como compatibilizam ou lidam com a incompatibilidade entre essas duas noções. O estudo indicou que a maioria dos participantes acreditava em Deus ou em algo semelhante a esse conceito e que o estudo dos pressupostos do Behaviorismo Radical, bem como o tempo de estudo nessa abordagem, contribuiu no questionamento da existência de um ser superior e também para que a maioria se tornasse ateu ou agnóstico. Ficou claro que os behavioristas radicais são seres que se comportam e que, mesmo conhecendo os princípios que controlam o comportamento, são controlados e influenciados por eles.

Religião e ciência são tipos diferentes de conhecimento. A primeira, se dá por um conjunto de relações entre os homens e uma entidade metafísica. Constitui-se de crenças que ultrapassam a realidade da ordem natural e que tem por objeto o sobrenatural. Já o segundo, é considerado uma área do saber humano que está voltado para o estudo de regularidades e explicações materiais dos fenômenos, utilizando-se de certos critérios, dependendo da postura epistemológica.

Um possível diálogo entre a ciência e a religião vem sendo discutido ao longo de várias décadas por estudiosos e pesquisadores, tais como Barbour (1990), Peters e Bennet (2003), Sagan (1985), entre outros. Ambas têm como objetivo compreender e explicar o funcionamento do universo e do homem, embora seus métodos, resultados e recursos explicativos variem de acordo com o que se propõem a estudar.

Partindo do princípio que ambas divergem nos seus achados e em vários outros aspectos, torna-se importante questionar se é possível fazer a junção dessas duas noções. Isto é, se é viável se apoiar nos dados encontrados pela ciência e ao mesmo tempo concordar com o que é pregado por uma determinada religião, principalmente em relação à existência ou não de uma força superior de ordem metafísica ou algo semelhante ao conceito de Deus.

De acordo com Schoenfeld (1982/1993), as religiões não questionam se existe um Deus, ou um ser maior. As religiões simplesmente afirmam a sua existência. A prova de sua existência está na justificativa de que todos os eventos do universo, tais como, seu movimento, sua estrutura, sua forma e seu funcionamento e, principalmente, a vida humana, tiveram um começo e que foi preciso, para isso, um criador. Nesse caso, segundo as religiões, o responsável por esse “começo” foi Deus.

Para explicar a origem da vida, as religiões sustentam que esta se deu a partir de matéria inanimada por um ente divino, que poderia ser Deus ou qualquer outra força ou entidade semelhante. Essa crença, conhecida como criacionismo ou teoria da criação, tem como seus adeptos algumas doutrinas religiosas, principalmente, as pertencentes do mundo ocidental (Amabis e Martho, 2002).

A ciência, por intermédio da biologia, da física e da química, apresenta também teorias que explicam a origem da vida. De acordo com Amabis e Martho (2002), a ciência afirma que o surgimento da espécie humana “se situa no grande panorama da evolução cósmica.” (p. 2). Ou seja, ao contrário da religião, a biologia, por exemplo, defende que a vida não foi criada por um

ser superior, mas sim, teve seu início decorrente de várias combinações e reações químicas. Estas reações deram origem aos primeiros seres vivos que, segundo os cientistas, eram extremamente simples. Assim, para Mayr (1982/1998), qualquer esforço que se faça para esclarecer a origem e a natureza do homem, precisa basear-se nos conceitos e nas teorias da biologia.

A ciência também sustenta que o universo “nasceu” num dado momento, e justifica esse nascimento através de algumas teorias, como por exemplo, a teoria do *big bang*. Foi neste momento, que a matéria foi criada e conseqüentemente, o universo. A partir dessa teoria, a ciência pressupõe que o universo não é eterno e que nasceu num determinado momento (Allègre, 1998). A diferença está no fato de que a ciência não recorreu a fatos ou a seres sobrenaturais para explicar tal criação. Ao contrário, recorreu a eventos puramente físicos.

A primeira revolução científica, segundo Mayr (1998), ocorreu exatamente nesta época, quando houve uma rejeição do sobrenatural para explicar a origem do mundo, em favor das explicações materiais, utilizando-se de agentes materiais, como o calor do sol, a água e a terra.

Para a religião existem algumas provas que sustentam a existência de Deus. Uma delas é o que está escrito, isto é, a Escritura Sagrada. Os milagres também podem levar a comprovar a existência de Deus, pois segundo a teologia, são através deles que Deus opera, intervém e se manifesta. A religião considera o milagre algo extraordinário, fruto da ação divina. Ou seja, é a intervenção de Deus no mundo material, intervenção esta que é aceita e acolhida pela religião por ser considerado um fato raro e que causa admiração por estar, por definição, principalmente, fora de uma explicação científica. Peters e Bennet (2003) afirmam que os milagres são tipos de eventos e processos considerados específicos e especiais e que possuem intenções especiais. Isto é, é um ato de Deus na vida de uma pessoa e que lhe traz conseqüências positivas.

Schoenfeld (1982/1993) diz que, segundo a religião, o milagre é um ato de Deus, através do qual mostra sua onisciência e onipotência. Sendo assim, para a religião, toda a criação e todos os eventos são milagres. Entretanto, esse autor afirma que para a ciência, essa noção de milagre é impossível e inadmissível.

Tanto a ciência quanto a religião se defrontam com os mesmos fatos descritos como milagres, mas ao contrário da religião, a ciência não recorre a eventos externos ao fenômeno para dar explicação a qualquer fato, seja ele considerado ou não um milagre. Ao invés disso, a ciência encontra respostas na objetividade e nas coisas materiais e naturais. Através de estudos empíricos

e da observação precisa, descrevem seus achados de uma maneira coerente e útil que possibilita uma melhor compreensão do mundo natural.

A ciência evoluiu influenciada pela filosofia. Assim, cada etapa do desenvolvimento científico sofreu influencia da filosofia de seu tempo. Em alguns momentos, a ciência justificou teoricamente certos pressupostos defendidos pela teologia, gerando alguns conflitos ideológicos. O conflito entre ciência e religião, portanto, foi um traço marcante ao longo da história da humanidade, apesar de que atualmente, existem autores, como por exemplo Barbour, físico e teólogo, que propõem outras relações possíveis entre essas duas linhas de pensamento.

Barbour (1990) sugere quatro tipos de relações entre a ciência e a religião: o conflito, a independência, o diálogo e a integração. O conflito torna-se inevitável quando o materialismo científico e o literalismo bíblico são tomados como realidades absolutas, devido à contradição existente entre eles. A independência reconhece que ambas empregam métodos e linguagens diferentes, e por isso são isoladas entre si, o que evita interação, diálogo e conflito. O diálogo refere-se a interações indiretas entre religião e ciência, pois ambas incluem questões às quais não conseguem responder e ambas se aproximam dos mesmos tipos de perguntas e investigações. Além disso, possuem paralelos metodológicos, isto é, trabalham com os mesmos critérios como a coerência, a compreensão e a utilidade. A integração é a interação direta entre ciência e religião, ou seja, é a combinação de conceitos de teologia e ciência em uma única estrutura, utilizando-se de significados similares.

O Behaviorismo Radical de Burrhus Frederic Skinner (1904-1990) é definido como uma filosofia da ciência. Sua abordagem, conhecida como a Análise do Comportamento, tem por objetivo estudar os processos de interação entre o organismo e o ambiente através do método experimental, e assim expor dados que podem ser empiricamente testados (Abreu-Rodrigues, 1987). Por estes motivos, entra também em conflito com as idéias defendidas pela religião, principalmente por esta atribuir causalidade a eventos que não são naturais, isto é, a eventos não físicos. Estes eventos não são da mesma natureza dos eventos físicos, os quais são utilizados em uma explicação científica.

A relação de conflito entre ciência e religião, apresentada por Barbour, é encontrada também na relação entre o Behaviorismo Radical e a religião. Baseando-se nos pressupostos de ambas, é possível afirmar que não existe possibilidade de interação, nem de diálogo entre essas duas concepções, por elas apresentarem pressupostos opostos e também por ser logicamente

impossível, para o Behaviorismo Radical, existir uma relação entre os eventos físicos e os eventos não físicos. Além disso, o Behaviorismo Radical possui uma visão pragmatista da ciência e é considerado uma teoria monista, materialista e evolucionista. Estas características, em sua maioria (e que serão esclarecidas mais tarde), mais uma vez, vão contra as defendidas e pregadas pela religião.

Torna-se importante, portanto, destacar e apresentar os pressupostos básicos do Behaviorismo Radical, assim como apresentar as idéias advindas das religiões e de seus estudiosos, os teólogos sobre os mesmos temas. Assim, será possível um posterior estudo e questionamento da relação existente entre ambas e verificar também a possibilidade de uma compatibilidade entre essas duas noções, baseando-se em suas diferenças e similaridades, caso existirem.

O Behaviorismo Radical pode ser definido como uma filosofia da ciência. Skinner (1953/2000), defende a possibilidade de haver uma ciência do comportamento, pelo fato deste também poder ser descrito por leis científicas, leis estas que ajudam o homem a predizer e a controlar o comportamento futuro. Uma vez identificadas as variáveis das quais o comportamento é função, é possível a previsão e o controle do mesmo (Skinner, 1953/2000).

Apoiado nas idéias de Gomes (1984), Abreu-Rodrigues (1987) afirma que as causas do comportamento devem ser buscadas no ambiente físico, isto é, no ambiente externo, e dessa forma são investigadas as “relações funcionais entre o comportamento (efeito – variável dependente) e as variáveis externas (causa – variável independente), que devem ser descritas em linguagem das ciências físicas.” (Abreu-Rodrigues, 1987, p.134).

As relações existentes na interação do indivíduo com seu ambiente são consideradas em termos de sua funcionalidade. Segundo Tourinho (2003), Skinner adota uma idéia de causalidade formulada em termos de relações funcionais entre eventos e, associado a isso, considera a ciência como voltada para a descrição e explicação dos fenômenos. Estas duas atividades são consideradas coincidentes e ambas correspondem à especificação de relações funcionais. Vale ressaltar que para ser possível que o Behaviorismo Radical se desenvolvesse, Skinner (1953/2000) preocupou-se fundamentalmente com a explicação científica dos fenômenos e com a descrição, uma vez que estas são consideradas atividades fundamentais em uma ciência. Por este motivo, preocupou-se também com o desenvolvimento de termos e conceitos que permitissem tal explicação.

Skinner (1953/2000) traça algumas características importantes da ciência ao afirmar que esta é “mais do que um conjunto de atitudes. É a busca da ordem, da uniformidade, de relações ordenadas entre os eventos da natureza. Começa, como todos nós começamos, por observar episódios singulares, mas rapidamente avança para a regra geral, para a lei científica.” (p.14). Além disso, ressalta a importância do cientista lidar com os fatos e de aceitá-los como eles são e não como desejaria que eles fossem.

Baum (1994/1999), acerca da visão pragmática de ciência presente no Behaviorismo Radical, complementa, dizendo que a ciência permite, através de observações e das experiências, prever e controlar eventos, e a descrever e explicar fenômenos em termos familiares, isto é utilizando-se de uma terminologia útil, econômica e apropriada. É importante que sejam criados significados precisos de um determinado conceito, para que então, as experiências sejam organizadas em categorias ou tipos. A ciência é, segundo essa visão, “a busca de descrições econômicas e abrangentes da experiência natural humana (isto é, nossa experiência do ‘mundo natural’).” (Baum, 1994/1999, p. 43).

O pragmatismo foi desenvolvido durante a segunda metade do século XIX e início do século XX por Charles Peirce (1839 – 1914) e William James (1842 – 1910). Assim, de acordo com Baum (1994/1999), essa abordagem filosófica considera verdade e poder explicativo como sendo iguais, e dessa forma, tenta descobrir como o universo objetivo, material, funciona. Além disso, essa corrente filosófica, com o seu sentido de praticidade, aponta para a importância que tem uma investigação científica pelo o que ela permite fazer a partir de seus achados.

O Behaviorismo Radical, por possuir essa visão pragmática, torna as experiências individuais compreensíveis pois, com essa visão, é possível dar significado à elas. É considerado, portanto, como um método apropriado para resolver idéias que sugerem questionamentos e discussão, principalmente para algumas questões que possuem argumentos que não são satisfatórios, por não serem conclusivos (Baum, 1994/1999). A partir da utilização desse método, isto é, da observação precisa e da descrição adequada, é possível ampliar a compreensão do comportamento.

Segundo Schoenfeld (1982/1993), o pragmatismo é comum à ciência e à religião. Apesar da religião utilizar também outros tipos de explicação, como a de eventos sobrenaturais, ela concorda com a idéia de uma explicação natural e por isso, necessita da visão pragmática do homem interagindo com seu ambiente. A religião tem também um profundo interesse nos

princípios do comportamento. Deseja saber tanto quanto a ciência, quais são os princípios que o definem, o controlam e o mantêm.

Uma outra discussão que a visão científica no estudo do comportamento humano gera é o questionamento a respeito da questão de liberdade relacionada ao livre-arbítrio. Este nome é dado à capacidade que o indivíduo tem de escolher entre várias possibilidades. Presume, portanto, a escolha dirigida pela vontade e, por isso, Baum (1994/1990) aponta que a noção de livre-arbítrio “supõe um terceiro elemento além da hereditariedade e do ambiente, supõe algo dentro do indivíduo.” (p. 29), levando assim a afirmativa de que são as próprias pessoas que causam o comportamento por elas terem a liberdade para escolher o curso de suas ações, independentemente dos eventos ambientais passados ou atuais.

Essa idéia de livre-arbítrio é muito utilizada pela teologia cristã, principalmente quando se fala de liberdade espiritual. Já que o homem tem essa capacidade de escolha, ele é considerado um homem livre, e como tal, tem a possibilidade também de escolher entre o bem e o mal. Isto é, optar por seguir um caminho do bem que, conseqüentemente, segundo algumas religiões, o levará à glória, à salvação, ao “reino do céu”, ou a um outro caminho, oposto a esse, no qual o levará à perdição, ao sofrimento eterno, em geral no inferno, dependendo de sua crença.

Uma noção oposta ao livre-arbítrio, apresentada pelo Behaviorismo Radical, é a teoria filosófica chamada determinismo. De acordo com Bleger (1983), este é o princípio fundamental do desenvolvimento científico, pelo fato de que, todos os fenômenos estão determinados por responderem a uma causalidade, negando assim a possibilidade do indivíduo agir livremente. Segundo essa concepção determinista, todos os acontecimentos do universo obedecem à leis naturais e têm estas como causa. Assim, essa noção implica que “o comportamento é determinado unicamente pela hereditariedade e pelo ambiente.” (Baum, 1994/1999, p.29), deixando de fora esse terceiro elemento, - a vontade - presente na idéia de livre-arbítrio.

Skinner (1953/2000) aponta que ao utilizar os métodos da ciência no estudo do comportamento humano, deve-se pressupor, antes de tudo, que o comportamento é ordenado e determinado. Essa concepção determinista é polêmica, pois se opõe a uma tradição que encara o homem como um ser livre. O ponto de vista alternativo que Skinner sugere, é que se reconheça que a conduta humana está sob o controle de variáveis.

Além disso, a noção, o conceito de escolha presente no livre-arbítrio difere do que está presente na abordagem do Behaviorismo Radical, já que, neste caso, “ter escolhas” diz respeito

ao fato de que mais de uma ação possível. Dessa forma, Baum (1994/1999) considera que, recorrer ao livre-arbítrio é um meio de explicação fácil, mas não é em nenhuma hipótese, uma explicação científica.

A visão monista do ser humano é também uma outra idéia pertinente para o Behaviorismo Radical. Por negar a existência de fenômenos cuja natureza não é física, a visão Skinneriana de homem é monista, pois o organismo é único, indiviso e interage em sua totalidade com o ambiente (Baum, 1994/1999). Para Peters e Bennet (2003) essa visão é uma suposição importante e necessária para os que fazem ciência.

Através dos pressupostos do monismo, Skinner combate a idéia de existência de uma mente, uma alma ou um espírito separados do corpo. Principalmente a idéia de que estes são os responsáveis, ou os agentes causais do comportamento do indivíduo. Pelo fato de não fazer parte da natureza, isto é, de não ter propriedades de um objeto natural, a noção de mente, segundo Baum (1994/1999), é inaceitável para uma ciência do comportamento.

Skinner (1971), afirma que atribui-se o comportamento a alguém ou a alguma entidade quando não se consegue explicar a razão ou o porquê de uma pessoa se comportar de uma determinada maneira, fornecendo assim uma explicação, que por sua vez não será esclarecedora.

Essa idéia monista entra em contraste com a visão dualista de homem que marcou a posição de Descartes (1596 – 1650). Nesta concepção, de acordo com Matos (1997), “o homem é concebido como tendo duas naturezas distintas, uma divina e uma material, ou uma mental e uma física, e a divina (ou mental, dependendo do século), determinaria o modo de ação da material e física.” (p. 55).

A idéia de dualismo caracteriza o modo de pensar das religiões em geral, em especial a teologia cristã. Isto é, o homem possui duas naturezas distintas: uma física e uma espiritual. Esta última é chamada de alma e é “regida” por uma força superior conhecida como Deus ou por alguma outra força superior que transcende o mundo físico. Vale ressaltar que a religião acredita que essas duas naturezas, essas duas realidades, a material e a espiritual, não estão separadas em duas partes, mas ao contrário disso, estão unidas em uma só, no ser humano.

Segundo Allègre (1998), todas as religiões são fundadas sobre a existência de uma alma em cada homem. Essa alma é considerada como um “patrimônio específico e não material, que transcende a realidade da ‘máquina fisiológica’.” (p. 126).

De acordo com Matos (1997), Skinner não aceita a idéia de alma ou da existência de algo que escapa ao mundo físico. Sendo assim, o Behaviorismo Radical rejeita essa noção “porque é materialista e evolucionista, em seu naturalismo não há espaço para o dualismo por acreditar que o comportamento é uma função inerente ao organismo vivo, não necessitando de justificativas ulteriores.” (p. 65). Além disso, o dualismo, segundo Baum (1994/1999), causa confusão e é antieconômico em suas explicações, pois ao descrever um evento, não consegue explicar aquilo que propõe, ou por serem insuficientes ou redundantes.

Matos (1997) se refere ao Behaviorismo Radical como materialista porque essa concepção filosófica aponta a matéria como substância primeira e última de qualquer ser, coisa ou fenômeno do universo. Para os materialistas, toda a realidade tem sempre um caráter material ou corporal, sendo que, dessa forma, a única realidade é a matéria em movimento. O materialismo, de acordo com Haught (1942/2002) ignora ou nega a realidade da subjetividade e assim contrapõe-se ao idealismo, cujo elemento primordial é a idéia, o pensamento ou o espírito.

As religiões se diferem do Behaviorismo Radical também nesse sentido, pois trazem consigo a doutrina idealista, isto é, da existência de uma realidade última – quer se chame espírito, Deus ou energia vital – que transcende o mundo físico e lhe dá sua razão de ser (Bleger, 1983).

Também mencionada por Matos, a teoria evolucionista por seleção natural de Charles Darwin (1809 – 1882) é uma outra característica que acompanha o Behaviorismo Radical e que mais uma vez entra em choque com o que traz o relato bíblico “de que Deus criara todas as plantas e animais em alguns poucos dias” (Baum 1994/1999, p. 23). Por possuir um caráter naturalista, a teoria darwiniana incomodou muitos cientistas criacionistas. Incomodou também e, principalmente, aqueles que tomavam a Bíblia literalmente, ou seja os religiosos e conseqüentemente, os teólogos. Para Haught (1942/2002), o ateísmo descobriu nas idéias de Darwin o fundamento intelectual mais firme que já existiu.

Darwin, na sua explicação sobre a origem da vida, deixava de fora Deus ou qualquer outra força que não fosse natural, alegando que a seleção é um processo puramente natural. Isto é, novas espécies passaram a existir apenas com modificações de espécies já existentes, através de um processo de seleção, no qual se mantêm os organismos que possuem melhores condições, ou seja, que são mais fortes e que são mais aptos e mais bem adaptados àquele determinado meio em que vivem. O que faz a seleção “não é um Criador onipotente, não é a mãe Natureza (...) mas sim

a seleção natural” (Baum 1994/1999, p. 70). A seleção é um tipo especial de causalidade e, mais uma vez, Skinner combate a noção de um agente iniciador, sendo essa a principal influência da teoria da evolução sobre o Behaviorismo Radical.

Quando a idéia de seleção natural foi combinada com a teoria da herança genética na primeira metade do século XX, surgiu a moderna teoria da evolução. Esta teoria, de acordo com Baum (1994/1999), fornece uma base e um importante referencial para se falar do comportamento, já que este exerce um papel central na evolução. A seleção ocorre devido a interação do indivíduo com seu ambiente e dessa interação surge o próprio comportamento.

Skinner (1953/2000) considera o homem, assim como Darwin, como um ser que se comporta e que está em constante processo e transformação, no qual seu comportamento se origina a partir da sua relação com o ambiente, e onde são concebidas variadas formas de ação.

Baseando-se na teoria da evolução, Skinner propôs o modelo de seleção por consequência. Este modelo é de fundamental importância pois foi a partir dele que a causalidade deixou de ser descrita em termos mecanicistas de um efeito para uma causa. Foi também através desse modelo que se esclareceu que o papel do ambiente é funcionar como um selecionador e não como um indicador da direção a ser seguida (Andery, 1997).

Segundo Andery (1997), nesse modelo de Skinner, a seleção opera diretamente sobre os comportamentos dos indivíduos. Esses comportamentos passam a ser controlados por suas consequências imediatas e são selecionados devido a estas consequências. As consequências que fortalecem o comportamento que as produziu são chamadas reforçadores, e ao contrário disso, as consequências que enfraquecem o comportamento que as produziu são chamadas punidoras.

Assim, comportamento que é selecionado, ou fortalecido, se dá através de um processo chamado reforçamento. Este “é o procedimento através do qual a frequência de um operante é aumentada” (Ferster, 1977, p.27). Ou seja, é o princípio fundamental do comportamento operante, no qual o organismo opera no ambiente e o modifica. Segundo Skinner (1957), “os homens agem sobre o mundo, modificam-no e, por sua vez são modificados pelas consequências de sua ação.” (p.15).

Assim como as características de uma espécie são selecionadas pelo meio, os comportamentos operantes também são, isso porque um indivíduo apresenta um vasto repertório comportamental, mas apenas os comportamentos que são reforçados permanecem, isto é, o indivíduo se comporta e mantém esse comportamento porque foi reforçado em seu ambiente.

Ambas as teorias, tanto a de Darwin quanto a proposta por Skinner, dão grande importância ao passado, pois são as consequências ocorridas no passado que determinam a probabilidade de ocorrência do comportamento em uma situação futura semelhante (Matos, 1997). Pode-se dizer então, que as ocorrências ou as consequências passadas modificam o organismo, alteram sua forma de se relacionar com o mundo e figuram na seleção.

O homem se comporta, portanto, por se expor a uma complexa história ambiental e genética. Dessa forma, para ser possível entender o comportamento, é imprescindível entendê-lo a partir de uma determinação ambiental indissociável que engloba: a espécie, a vida do indivíduo e a sua cultura. Ou seja, envolve a filogenética, a ontogenética e a sociedade em que ele está inserido com todas suas crenças, valores e práticas culturais.

A cultura tem importância relevante, pois é através dela que pode ser transmitido para uma pessoa o que foi aprendido através do tempo, através de indivíduos e até mesmo através de lugares. Schoenfeld (1982/1993) afirma que os cientistas que estudam o comportamento vêem que a sociedade ensina as pessoas no que acreditar e o que compreender, influenciando assim em seus comportamentos.

Com relação à religião e às crenças religiosas, Schoenfeld (1982/1993) aponta que na sua própria cultura, o indivíduo é ensinado a pensar que todas as coisas tiveram um “começo” em algum lugar e tempo. Assim, o homem encontra uma concepção de Deus esperando por ele desde sua chegada ao mundo. Essa concepção é passada, então, pela cultura através do comportamento verbal e não verbal.

Schoenfeld (1982/1993) complementa, dizendo que é através da sociedade, de seu ambiente social, que o indivíduo torna-se religioso. Assim, a religião, ou melhor, o comportamento religioso existe e persiste entre os homens devido as suas experiências de vida e aos acontecimentos de seu dia-a-dia. Um comportamento deve ser analisado, portanto, segundo Micheletto (1997), não só como produto do ambiente individual em que o indivíduo está inserido, mas como produto, principalmente do ambiente social.

O ambiente social tem um papel fundamental na aquisição e na manutenção de um determinado comportamento. É nesse ambiente também que o indivíduo interage com outras pessoas, dando origem ao comportamento verbal. Segundo Skinner (1957), é apenas através da cultura, do ambiente social e da relação do indivíduo com o outro, que o comportamento verbal é originado. Os indivíduos que ouvem e reforçam o que uma pessoa diz são membros da

comunidade verbal que, segundo Baum (1994/1999), “é o grupo de pessoas que se falam entre si e que reforçam as verbalizações umas das outras” (p. 127).

Andery (1997) aponta que a comunidade verbal na qual o indivíduo está inserido e envolvido, o treina a comportar-se verbalmente sob o controle discriminativo de eventos privados. Daí a importância de levar em consideração os eventos privados, principalmente por estes assumirem também, de acordo com Abreu-Rodrigues e Sanabio (2001) funções controladoras diversificadas como, por exemplo, de um estímulo eliciador.

Algumas visões dentro da psicologia sustentam que os eventos privados são iguais a eventos mentais, isto é, a eventos não físicos. O Behaviorismo Radical não admite esse tipo de evento em sua abordagem, isso porque, como já foi dito anteriormente, a ciência requer que os eventos sejam naturais, mesmo que não sejam observáveis. Por esse motivo, Baum (1994/1999) afirma que os eventos privados, além de serem considerados eventos naturais, são semelhantes a eventos públicos, isto é, estão sob controle de variáveis ambientais.

Sentir, pensar, perceber e crer são ações, isto é, são eventos comportamentais, que se caracterizam por uma relação do indivíduo com o ambiente (Tourinho, 1999). Por este motivo, são considerados como uma parte importante do repertório dos seres humanos. Em relação aos eventos privados, Skinner (1969/1994) afirma que:

*(...) uma ciência adequada do comportamento deve considerar os eventos que ocorrem por sob a pele do organismo, não como mediadores fisiológicos do comportamento, mas como parte do comportamento em si.
 (...) Eventos privados e públicos têm o mesmo tipo de dimensões físicas.
 (p. 345)*

Sendo assim, de acordo com Tourinho (1999), o Behaviorismo Radical inclui em sua análise os fenômenos subjetivos, mas não transita para uma concepção mentalista ou sobrenatural acerca do comportamento humano.

A fé e a crença em Deus ou em qualquer outra força superior são considerados, dentro dos conceitos do Behaviorismo Radical, comportamentos como qualquer outro. Podem ser comportamentos privados, enquanto só o próprio indivíduo tem acesso, como também comportamentos públicos, observáveis a partir de comportamentos e ações específicos deste indivíduo. Por exemplo, alguém pode sentir alterações fisiológicas que em determinados momentos aprendeu a nomear de fé. Esse tipo de comportamento é considerado um

comportamento privado pelo fato de que só ele, o indivíduo, poder ter acesso a essa fé e a essa crença, não sendo observável para outros. É considerado também um comportamento público a partir do momento em que este indivíduo vai até a igreja, ajoelha-se no chão e começa a orar, ou quando pega um terço e reza, demonstrando assim essa sua fé, ou melhor, o que na cultura ao qual pertence é nomeado fé.

Ambos os comportamentos, tanto o público quanto o privado, portanto, são decorrentes além do comportamento supersticioso, dos hábitos e valores culturais os quais são passados através da comunidade, tendo sua origem através da interação do indivíduo com o meio ou com o contexto no qual está inserido.

A concepção de comportamento supersticioso presente no Behaviorismo Radical é uma alternativa que poderia explicar algumas crenças religiosas. Sejam essas crenças em seres ou eventos que não sejam pertencentes ao mundo físico ou ao mundo natural, seja em um Deus, ou em qualquer outro ser superior, ou a crença também nos milagres e no poder da fé.

O comportamento supersticioso é um comportamento que tem sua frequência aumentada por uma relação de contiguidade, e não por uma relação de contingência com um determinado estímulo. Segundo Herrnstein (1966), esse tipo de comportamento é uma coincidência temporal entre comportamento e eventos no ambiente, no qual o comportamento do indivíduo é reforçado acidentalmente. Isto é, se origina e se mantém quando o indivíduo apresenta um determinado comportamento e é reforçado acidentalmente, a partir de uma relação de contiguidade. Esta, de acordo com Catania (1999), pode ser definida por estímulos ou eventos que ocorrem juntos no tempo, pois possuem uma coincidência temporal.

Um comportamento de esquiva pode também ser reforçado acidentalmente dando origem a um comportamento supersticioso. Isso porque, de acordo com Ferster e cols. (1977), o comportamento de esquiva é reforçado quando o estímulo aversivo não ocorre. Assim, uma pessoa mantém comportamentos, e também comportamentos considerados como religiosos, como rezar, orar, freqüentar a igreja, porque, supostamente, essas ações evitam algumas conseqüências aversivas. Se um comportamento de esquiva for acidentalmente reforçado, “a não ocorrência posterior do estímulo aversivo fará com que o comportamento de esquiva continue a ser mantido.” (Ferster, 1977, p. 399).

Os comportamentos supersticiosos, portanto, de acordo com Benvenuti (2001), são ritos que regem o comportamento de um grande número de pessoas pertencentes a uma determinada

cultura e que perduram por muito tempo. Segundo Skinner (1953/2000), “os ritos supersticiosos na sociedade humana geralmente incluem fórmulas verbais e são transmitidos como parte da cultura.” (p. 96). Conseqüentemente, como ressalta Herrnstein (1966), um indivíduo pode ser religioso, e ter crenças religiosas, mas não por superstição. Ao invés disso, o que mantém o seu comportamento é simplesmente o fato deste ser reforçado socialmente. A pessoa pode praticar certos rituais de uma determinada religião porque “vive em uma comunidade social que reforça a conformidade religiosa e pune as transgressões religiosas.” (p.46). Por envolver contingências de reforço e punição e não apenas contigüidade, comportamentos iguais a esses não são considerados como supersticiosos.

A religião, de fato, em algumas sociedades, atua como uma agência controladora, conforme indica Skinner (1953/2000). Essa agência exerce um controle sobre os seus membros através do seu poder de reforçar ou punir e que, conseqüentemente, afeta o comportamento humano. Esse controle, que define uma determinada agência religiosa, é justificado através da hipótese de conexão desta com o sobrenatural, isto é, da igreja sendo a mediadora do contato do fiel com seu Deus. É a partir dessa justificativa, que arranjam-se argumentos que estabelecem classificações do que há de vir a ser um comportamento bom ou mal, moral ou imoral, virtuoso ou pecaminoso.

Dependendo da sociedade e da cultura na qual o indivíduo está inserido, a classificação de seu comportamento, gerará, além de reforços ou punições sociais, uma bênção eterna ou um castigo espiritual. Isto é, de acordo com Sidman (1995/2003), se o indivíduo seguir as regras, os rituais ou os mandamentos prescritos (que diferem de uma religião para outra), será autorizado por Deus ou por alguma outra força superior, a compartilhar a “glória prometida”. Mas qualquer um que desvie do caminho, que não siga tais regras, será negado as satisfações da vida após a morte.

Assim, é possível ressaltar a forte influencia que o seguimento de regras e rituais têm em uma determinada sociedade. De acordo com a abordagem do Behaviorismo Radical, essas regras e rituais fornecem um forte reforçamento negativo ou positivo dependendo do caso (Sidman, 1995/2003). Ou seja, a pessoa se envolve em tais comportamentos religiosos, como um meio de esquiva ou fuga de alguns estímulos aversivos. Ou por outro lado, a pessoa se envolve com as leis de uma determinada igreja por ser reforçada positivamente, já que um indivíduo que é ético e que pratica o bem é aceito socialmente.

Cabe lembrar que o conceito de o que é bom ou mal, moral ou imoral, ético ou não ético varia de uma cultura para outra e também de uma religião para outra e, conforme afirma Skinner (1953/2000), “o comportamento que vem a ficar sob o controle da agência religiosa dependerá do tipo de agência.” (p.387), isto é, dependerá dos dogmas dessa doutrina religiosa.

Skinner (1953/2000), acredita que o procedimento religioso é, particularmente, uma parte importante da teologia. Isso porque nesta ideologia, utiliza-se justificativas que estão além do domínio da ciência, como por exemplo, a crença da salvação, ou a glória, ou benção de Deus. No entanto, quando a religião não se apoia em eventos não físicos para se justificar, utiliza alguns conceitos semelhantes ao do controle ético para desenvolver a piedade ou a virtude entre os homens. Segundo Skinner, “essas entidades têm função no campo da religião semelhante ao do bem maior para o maior número na ética, e a liberdade ou justiça no governo.” (p.391).

A religião, portanto, independente de pregar a existência de um ser sobrenatural, exerce um controle sobre o comportamento das pessoas, no sentido de fazer com que estes se comportem de uma maneira ética e adequada perante a sociedade, no sentido de fazer o bem para o próximo, não o prejudicando e desenvolvendo, dessa forma, o sentido da compaixão e da boa qualidade moral.

Tendo em vista tudo o que foi falado até aqui a respeito das diferenças e similaridades entre o Behaviorismo Radical e a religião, é possível levantar novamente a questão da possibilidade de compatibilizar ou não os pressupostos desse primeiro, com os aspectos que são defendidos pelas doutrinas religiosas em geral. Está claro, pela leitura acima, que ambas divergem em vários aspectos e conceitos conforme suas teorias, e nesse ponto de vista, parecem incompatíveis. Mas pelo fato dos behavioristas radicais estarem imersos em uma cultura na qual a religião está muito presente e é muito valorizada, como é que, na prática, isto é no dia-a dia, seja no trabalho ou na vida pessoal, esses estudiosos lidam com essas questões?

O presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de tentar responder a esse questionamento, com relação aos behavioristas radicais de Brasília. Verificar na prática, como estes lidam com as questões religiosas e principalmente com suas crenças. Pretendeu verificar também se os que concordam com os princípios filosóficos defendidos por Skinner para uma ciência do comportamento, acreditam ou não em uma força superior ou em um Deus e, até que ponto, o estudo dos pressupostos do Behaviorismo Radical contribuiu ou influenciou no desenvolvimento dessa crença ou descrença.

Para que isso fosse possível, foi desenvolvido um instrumento de pesquisa, que continha nove perguntas do tipo aberta e fechada. Foi selecionada uma amostra de 30 participantes de Brasília, que tinham como requisitos básicos serem professores, mestrandos ou mestres, doutorandos ou doutores em Análise do Comportamento. Todos os participantes foram entrevistados pessoalmente, sendo essa entrevista gravada e depois transcrita para uma computação posterior dos dados.

Assim, os resultados obtidos com essa pesquisa, bem como a discussão dos dados, levantou questões importantes acerca do comportamento dos próprios Behavioristas Radicais e, ao mesmo tempo, tentou revelar a forma com que estes compatibilizam essas questões. Indicou ainda até que ponto o estudo de um pressuposto teórico ou uma abordagem faz surgir questionamentos pessoais a respeito de crenças e valores, que muitas vezes vão contra toda uma história pessoal e cultural, e que entra em conflito com a própria criação e história de aprendizado do indivíduo.

MÉTODO

Participantes

O presente estudo foi realizado com uma amostra de 30 participantes. Dentre eles, professores, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores na área de Análise do Comportamento e que consideravam-se Behavioristas Radicais, isto é, que concordavam com os princípios filosóficos defendidos por Skinner para uma ciência do comportamento. Os participantes eram vinculados a algumas instituições de ensino superior de Brasília, nas quais lecionavam, desenvolviam algum projeto de pesquisa, ou faziam pós-graduação na área comportamental.

Materiais e Equipamentos

Foram utilizados para a realização dessa pesquisa, um questionário contendo nove perguntas do tipo aberta e fechada, um gravador portátil da marca *aiwa*®, uma fita cassete e um microcomputador conectado à internet. Uma versão do questionário encontra-se no Apêndice 1.

Procedimento

A condução da pesquisa de campo se deu em quatro etapas, divididas da seguintes forma: elaboração do instrumento, contato com os participantes, aplicação do questionário e computação dos resultados obtidos.

Primeiramente foi elaborado um questionário, logo após a amostra da pesquisa ter sido definida. Esse tinha como objetivo principal colher informações a respeito da existência ou não de crenças religiosas entre os Behavioristas Radicais e verificar a possibilidade de compatibilizar ou não essas idéias. Antes de ser aplicado, o instrumento foi cuidadosamente avaliado por três juízes, atuantes na área de psicologia e experientes em elaboração e aplicação de testes e questionários.

Após o aprimoramento do questionário junto aos juízes, foram aplicados três questionários piloto e feito uma avaliação do que foi respondido nestes instrumentos.

O contato com os participantes se deu pessoalmente, através de seus telefones ou por meio de seus endereços eletrônicos. Neste último caso, foi enviada uma carta de apresentação (vide Apêndice 2), que continha os objetivos e propósitos da pesquisa, assim como um endereço eletrônico específico para o envio da resposta, caso fosse possível a colaboração com a pesquisa.

Nessa segunda etapa, foi explicado a todos os envolvidos do que se tratava a pesquisa, o objetivo e o tempo de duração da mesma. A partir desse contato e da aceitação dos participantes com a colaboração para a pesquisa, foram agendado os dias, os horários e o local para a aplicação do instrumento, de acordo com a disponibilidade do participante.

Na terceira etapa, todos os participantes foram entrevistados pessoalmente, tendo essa entrevista gravada e depois transcrita para uma computação posterior dos dados. As perguntas eram lidas pelo entrevistador e respondidas pelo participante, sem restrição de conteúdo ou de tempo para as respostas. As entrevistas foram feitas no ambiente de trabalho dos próprios participantes, ou em locais onde não havia barulho. Cada entrevista durou, aproximadamente, cerca de cinco minutos.

Na quarta etapa as respostas obtidas foram examinadas e comparadas dando origem aos resultados. Os dados foram computados para uma análise qualitativa e uma posterior discussão, de acordo com os objetivos propostos pelo estudo em questão. Foram verificadas as respostas a respeito das crenças em Deus ou em algo semelhante a este conceito, a ocorrência ou não de questionamentos sobre esse assunto e a possibilidade de compatibilizar ou não as idéias advindas da Análise do Comportamento e da religião. Foram verificados também, os motivos pelos quais os participantes tornaram-se ateus ou agnósticos.

Categorias:

As respostas obtidas através dos questionários foram agrupadas em categorias e subcategorias. Primeiramente, todos os participantes foram divididos em grupos (A, B ou C), conforme o tempo em que se consideravam Behavioristas Radicais. O grupo A englobava os participantes que se consideravam Behavioristas Radicais de 2 a 5 anos. O grupo B, os participantes que se consideravam de 6 a 10 anos e o grupo C os que se consideravam há 11 anos ou mais.

Após a divisão desses grupos, foram separados os questionários dos participantes que disseram acreditar em algo semelhante ao conceito de Deus (categoria A), dos que disseram não acreditar em algo semelhante ao conceito de Deus (categoria B). Um fluxograma contendo a divisão dessas categorias e subcategorias encontra-se no Apêndice 3.

INSERIR FIGURA 1 AQUI

Dentro da categoria A, foram formadas três subcategorias, as subcategorias A1, A2 e A3, que estavam relacionadas com as perguntas elaboradas no questionário. A subcategoria A1 dizia respeito ao questionamento sobre a existência de Deus, pelo fato do participante acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical. Assim, a subcategoria A1.1 englobava os que já se questionaram sobre a existência de Deus por acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical, a subcategoria A1.2 englobava os que não se questionaram e a subcategoria A1.3, os que disseram já ter questionado, mas não por esse motivo.

A subcategoria A2 dizia respeito aos que já pensaram em desistir de ser um Behaviorista Radical por causa de sua crença em Deus. A subcategoria A2.1 abrangia os que já pensaram em desistir de ser um Behaviorista Radical por causa de sua crença em Deus e a subcategoria A2.2 abrangia os que nunca pensaram em desistir, no decorrer de sua carreira.

Já a subcategoria A3 dizia respeito aos que acreditavam ou não na compatibilidade entre a noção da existência de um Deus ou a algo semelhante a esse conceito e os pressupostos do Behaviorismo Radical. A subcategoria A3.1 envolvia, portanto, os que acreditavam na compatibilidade entre essas duas noções, a subcategoria A3.2, os que acreditavam que essas noções eram incompatíveis e a subcategoria A3.3, os que acreditavam na compatibilidade e ao mesmo tempo na incompatibilidade entre essas duas noções.

Na categoria B foram formadas, também, duas subcategorias, a dos que tornaram-se ateus ou agnósticos antes do contato com o Behaviorismo Radical (subcategoria B1) e a dos que tornaram-se depois do contato com essa linha teórica (subcategoria B2).

A questão 4.1 do questionário, dizia respeito aos conceitos ou aos aspectos do Behaviorismo Radical que fizeram com que o participante questionasse a existência de Deus. Assim as respostas obtidas foram também divididas em 9 categorias que seriam: a causalidade dos eventos, o naturalismo/materialismo, o livre-arbítrio/determinismo, o evolucionismo, a

religião como agência controladora, o comportamento supersticioso, o dualismo, o pragmatismo e não sei.

Na categoria causalidade dos eventos, foram englobadas as respostas nas quais os participantes diziam questionar o fato das pessoas atribuírem causas a eventos ou seres imateriais ou sobrenaturais, como, por exemplo, as seguintes frases: “...as pessoas atribuem causalidade a essa energia, que as vezes é definida até como destino...”, “...algumas vezes atribuímos à Deus algumas coisas que acontecem...”, “...normalmente a gente diz que ‘aconteceu porque Deus quis assim’, então a gente aprende, na cultura, a dizer essas frases...”.

Já na categoria naturalismo/materialismo abrangia algumas respostas nas quais os participantes diziam diretamente que foi o materialismo que fez com que questionasse a existência de Deus ou no qual ele dizia acreditar que tudo – inclusive o comportamento – está relacionado com o naturalismo, como por exemplo: “...algumas questões me levam a crer uma idéia contrária a existência de Deus (...) seria a questão do materialismo...”, “...entendo o comportamento como algo natural, no sentido de pertencente a essa nossa natureza física...”, “...para você ter conhecimento do mundo você precisa se basear naquilo que pode ser relacionado em termos naturais...”.

Na categoria livre-arbítrio/determinismo, foram englobadas algumas respostas nas quais os participantes mencionavam que o homem é livre ou que já questionaram o que é apresentado pelas religiões, tais como: “...você não é livre, você faz escolhas em cima do que o ambiente te proporciona...”, “A filosofia Behaviorista como um todo te obriga a pensar num mundo sem esse Deus que normalmente a religião passa, que é uma visão determinista, por exemplo...”

Já na categoria evolucionismo, foram englobadas as respostas nas quais os participantes diziam diretamente que foi o evolucionismo ou que foi alguma outra teoria contrária a esta, como por exemplo a do criacionismo. Foram consideradas as respostas, tais como: “...algumas questões que eu li, sobretudo Skinner, onde ele questiona a criação do homem. Seria o evolucionismo...”, “...é difícil conciliar a teoria da evolução com a crença em Deus...” e “...algumas questões lógicas, básicas me fizeram questionar a existência de Deus, como a teoria da criação, não acredito no criacionismo.”.

A categoria religião como agência controladora englobava as respostas que mencionavam a religião como sendo controladora do comportamento das pessoas, por meio de suas regras, punições e reforços. Foram consideradas as respostas do tipo: “...me fez questionar o papel da

igreja, com suas colocações e regras.”, “...você lê coisas de que seu comportamento é controlado por conseqüências e que isso vale para o contexto social (...) e aí entra a religião...”.

A categoria do comportamento supersticioso abrangia as respostas que mencionavam diretamente o comportamento supersticioso como sendo responsável pelos questionamentos a respeito da existência de Deus. Frases do tipo: “...tive um momento de negação da religião, dessa força superior, até por conta das explicações do comportamento supersticioso. Essa noção me abriu os olhos...”.

Na categoria dualismo foram consideradas as respostas que mencionavam diretamente a oposição mente e corpo ou o próprio dualismo. Teve como resposta a seguinte frase: “... algo de grande impacto foi a quebra com o dualismo. De repente você vê que essa idéia de que existe uma mente, essa coisa imaterial não necessariamente precisa acontecer. Que você pode acreditar em uma coisa única, num ser único que interage com o meio, sem precisar de criar a mente e processos e conceitos que estariam inseridos dentro dessa mente ou algo assim...”.

Já na categoria do pragmatismo foram consideradas também as respostas que citavam diretamente o pragmatismo como sendo o aspecto do Behaviorismo Radical responsável pelos questionamentos a respeito da crença em Deus. Incluiu a resposta: “...a questão do pragmatismo, por exemplo, no qual várias coisas são plausíveis...”.

Na categoria não sei, englobava as respostas dos participantes que não sabiam especificamente qual com o conceito ou aspecto do Behaviorismo Radical que fez com que questionasse a existência de Deus.

As questões 6.1 e 6.2 do questionário, indicavam como os behavioristas radicais compatibilizam ou lidam com a incompatibilidade entre a noção da existência de um Deus ou algo semelhante a esse conceito. Assim, as repostas obtidas na questão 6.1, foram divididas em cinco categorias que englobariam, respectivamente, as seguintes respostas:

1. Separa as duas questões. Por exemplo: “não misturo uma experiência pessoal com Deus com uma ciência...”, “...não coloco um diálogo ou embate entre as duas(...) tem que ter clareza e distinção do que é ciência do que é fé...”, “... separo o que é da minha vida pessoal e o que é da minha vida profissional...”, “...a crença só consegue se consolidar no contexto religioso...”.
2. A ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar todos os fenômenos. Por exemplo: “...acho que tem coisas além do concreto que o Behaviorismo Radical

estuda, que fogem do nosso controle...”, “...há coisas que não são explicadas por nenhuma ciência. A ciência tem limitação...”, “...a ciência vai até um certo ponto. O ser humano tem um limite...”.

3. Entende a prática religiosa do ponto de vista científico. Por exemplo: “... tento entender como as crenças religiosas atua na vida da pessoa, como organiza, dá sentido, como torna outras coisas reforçadoras para poder, de uma maneira, ajudar profissionalmente”.
4. Não pensa nisso. Por exemplo: “...tento não ficar pensando nisso. Não questiono se isso tem haver com religião ou não...”.
5. Outros. Essa categoria abrange algumas respostas, tais como: “...se eu fizer um pensamento positivo, uma prece eu também altero até fisiologicamente o meu corpo e me ajuda nas minhas tarefas diárias ...”, “...se eu tenho uma orientação geral na religião que seria: ‘faça aos outros o que gostaria que façam com você’, por meio da análise do comportamento aplicada, eu teria condições de transformar isso em realidade...” e “...penso em Deus como uma forma de inteligência que está acima e que tem relação com os próprios princípios e regularidades com as quais o Behaviorista Radical trabalha”.

Já as repostas obtidas na questão 6.2, questão que diz respeito a forma com que os behavioristas radicais lidam com a incompatibilidade, foram também divididas em cinco categorias que englobariam, respectivamente, as seguintes respostas:

1. Uma teoria abrange o mundo material e a outra o imaterial. Por exemplo: “...acreditar num universo imaterial, transcendente, na influência desse universo nas coisas materiais, seria a princípio algo incompatível...”, “...na teoria é impossível conciliar a ciência natural com um mundo não físico...”.
2. Separa as duas questões. Por exemplo: “...é uma questão de separar as duas coisas...”, “...coloquei assim, que são duas coisas separadas. Uma coisa eu acredito, independente de provas...”, “...não faço da minha vida particular um reflexo da minha atividade profissional...”.
3. A ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar tudo. Por exemplo: “...O Behaviorismo está longe de explicar tudo. O que não consigo explicar, atribuo a Deus. Quando acontece uma série de fenômenos inexplicáveis eu mudo meu paradigma...”.

4. Entende a prática religiosa do ponto de vista científico. Por exemplo: “...é importante ter informações para saber em até que ponto as variáveis, as regras que são formuladas podem exercer controle sobre o comportamento (...) seria no sentido de entender a prática religiosa de outras pessoas, do ponto de vista científico...”.
5. Não pensa nisso. Por exemplo: “...nem penso nessa incompatibilidade. Porque você tá falando agora é que eu fui me atentar...”.

As repostas das questões 8 e 9, que englobava a categoria B, demonstravam os motivos que contribuíram para que a pessoa se tornasse ateu ou agnóstico, independente de ter sido influenciado ou não pelos pressupostos do Behaviorismo Radical, também foram divididas em dez categorias, que englobariam as seguintes respostas:

1. Papel cultural, político e histórico da religião. Por exemplo: “...quando comecei a pensar nessa questão cultural, o papel que a religião tem na vida das pessoas, eu comecei a procurar outras explicações...”, “...Foi um questionamento político que me levou a um questionamento filosófico existencial, no sentido da crença em Deus.”, “...comecei a ver que as pessoas buscam uma religião por algum motivo e são reforçadas de alguma forma e essa função é sempre reforçada historicamente e socialmente...”
2. O Behaviorismo Radical não influenciou, mas sim uma postura científica das coisas. Por exemplo: “...acredito que não teve influencia do Behaviorismo Radical propriamente dito, mas de uma postura científica...”, “... o Behaviorismo Radical não influenciou (...) você pode ser Behaviorista e ter uma crença, porque o Behaviorismo não é totalmente contrário a existência de um Deus ou não.”.
3. Visão dualista/análise conceitual. Por exemplo: “...li alguns filósofos que falavam do ‘fantasma na máquina’, aquela coisa de que existe algo dentro da gente e quando morremos continua existindo (...), isso para mim foi uma bomba...”, “...toda a perspectiva de filosofia analítica da linguagem parece virar mais ainda do avesso essas crenças. Porque a filosofia analítica da linguagem vai entender que o processo é tão somente da relação do indivíduo com o seu meio (...) desfaço o mistério, toda uma metafísica se perde, porque utilizo o uso dos conceitos...”.

4. Contradição da teologia. Por exemplo: “O mais lógico é esse festival de contradições. Não mudo o mundo, nem eu mesmo com minha fé (...) se você pegar a teologia para ler, não há como sermos cristãos...”.
5. História de reforço. Por exemplo: “...minha família não é religiosa, não tive nenhuma formação religiosa (...) sempre acreditei que o comportamento era determinado pela sua história de interações...”.
6. Crença adquirida por contingência. Por exemplo: “...a crença em Deus é um comportamento que pode ser adquirido por contingência como qualquer outro...”.
7. Evolucionismo. Por exemplo: “...meus primeiros questionamentos começaram a ocorrer quando comecei a ler sobre o evolucionismo...”.
8. Livre-arbítrio. Por exemplo: “...a questão do controle, a rejeição do livre-arbítrio, a noção de liberdade (...). Era muito apoiado na idéia de um deus criador e quando a gente lida com a questão do controle, não dá para conciliar...”.
9. Deus: conceito totalmente construído. Por exemplo: “...seria a construção desse Deus, o papel que Jesus tem na sociedade. É totalmente construído. Foi um cara que foi bem sucedido e que conseguiu arrebatar um montão de gente...”.
10. Comportamento Supersticioso. Por exemplo: “... o mais óbvio de todos é quando a gente estuda comportamento supersticioso (...) o comportamento de rezar, de pedir, de conversar com Deus mantido aí por uma relação de contiguidade e não de funcionalidade.”.

Após serem feitas as divisões das respostas dos participantes em categorias e subcategorias, foi possível analisá-las e fazer uma discussão acerca dos resultados obtidos, bem como uma conclusão sobre os vários aspectos que puderam ser constatados nesse trabalho.

RESULTADOS

De acordo com as respostas dadas pelos 30 participantes de Brasília, pôde-se computar os dados e obter os resultados descritos abaixo.

Para que fosse possível visualizar melhor os dados obtidos, a Tabela 1 engloba todos os participantes que disseram acreditar em Deus ou em algo semelhante a esse conceito (categoria A), bem como as respostas que foram dadas ao longo da entrevista por esses indivíduos. Já a Tabela 2 indica quais foram as repostas dadas pelos participantes que se disseram ateus ou agnósticos (categoria B), assim como quantos tiveram influência ou não do Behaviorismo Radical.

Tabela 1 – Quantidade de respostas dada, de acordo com a categoria A e suas subcategorias (dos que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito).

Categoria	Resposta	Quantidade de respostas
A	Acredita em Deus ou em algo semelhante a esse conceito.	21
A1	Já se questionou sobre a existência de Deus por acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical.	13
A2	Já pensou em desistir de ser um Behaviorista Radical por causa de sua crença.	0
A3	Acredita na compatibilidade entre essas duas noções.	14
A4	Não acredita na compatibilidade entre essas duas noções.	6
A5	Acredita que essas duas noções podem ser compatíveis e ao mesmo tempo incompatíveis	2

Tabela 2 – Quantidade de respostas dadas, de acordo com a categoria B e suas subcategorias (dos que se consideram ateus ou agnósticos).

Categoria	Resposta	Quantidade de respostas
B	Não acredita em Deus ou em algo semelhante a esse conceito.	9
B1	Tornou-se ateu ou agnóstico depois do contato com o Behaviorismo Radical	5
B2	Tornou-se ateu ou agnóstico antes do contato com o Behaviorismo radical	4

Com relação ao tempo em que consideravam-se Behavioristas Radicais, todos os entrevistados indicaram que estavam nessa área há no mínimo, 2 anos. O participante que se considerava há mais tempo em relação aos outros, tinha 28 anos de experiência nessa abordagem. Assim, o grupo que tinha menos pessoas que se consideravam Behavioristas Radicais, há 11 anos ou mais (grupo C), tinha no total 8 pessoas de acordo com a Tabela 3.

Tabela 3 – Número de participantes, de acordo com o tempo em que se consideram Behavioristas Radicais.

Tempo	Número de participantes
2 a 5 anos (grupo A)	11
6 a 10 anos (grupo B)	11
11 anos ou mais (grupo C)	8

Desses 30 participantes, a maioria acreditava em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, tendo um total de 21 pessoas nessa categoria conforme indica a Tabela 4. Os que se consideravam ateus ou agnósticos tiveram um número bastante inferior aos que acreditavam, já que era menos da metade da amostra.

Tabela 4 – Número de participantes que acreditam ou não em Deus ou em algo semelhante a esse conceito.

Acredita em Deus	Número de participantes
Sim	21
Não	9

A maior parte do número de participantes que acredita em Deus, se encontra no grupo A, isto é, no grupo que tem menos tempo de estudo, abrangendo um total de 9 pessoas. Já os que pertencem ao grupo C (grupo que tem mais tempo de estudo, com 11 anos ou mais), possui o mesmo número de participantes que acreditam e que não acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, ou seja 4 participantes acreditam e 4 participantes não acreditam, conforme indica a Tabela 5.

Tabela 5 – Número de participantes que acreditam e que não acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, de acordo com o tempo em que se considera Behaviorista Radical.

Tempo	Acreditam	Não acreditam
2 a 5 anos (grupo A)	9	2
6 a 10 anos (grupo B)	8	3
11 anos ou mais (grupo C)	4	4

Com relação aos participantes que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, a Tabela 6 indica que a maioria, atingindo um número de 13 participantes, já se questionou a respeito dessa crença no decorrer de sua carreira, pelo fato de acreditarem nos pressupostos do Behaviorismo Radical. Indica também que 3 participantes já se questionaram a esse respeito por outros motivos, mas não por causa do Behaviorismo Radical.

Tabela 6 – Número de participantes que já se questionaram sobre a existência de Deus, por acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical.

Já questionou	Número de participantes
Sim	13
Não	5
Não por esse motivo	3

Alguns participantes que afirmaram acreditar em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, mas ao mesmo tempo, ao longo de suas carreiras, já se questionaram sobre a existência de Deus, apontaram, de acordo com a Tabela 7, quais foram os conceitos ou os aspectos do Behaviorismo Radical que os fizeram a questionar tal existência. O aspecto de causalidade, assim como a postura naturalista e materialista que traz a abordagem, foram os mais apontados pelos participantes, tendo um total de 6 e 5 respostas, respectivamente.

Tabela 7 – Conceitos ou aspectos do Behaviorismo Radical que fizeram os participantes questionar a existência de Deus, relacionados com o número de respostas obtidas.

Conceito ou aspecto do Behaviorismo Radical	Número de respostas
Causalidade dos eventos	6
Materialismo/Naturalismo	5
Livre-arbítrio/determinismo	3
Evolucionismo	3
Religião como agência controladora	2
Comportamento Supersticioso	1
Dualismo	1
Pragmatismo	1
Não sei	1

A Tabela 8 indica que os participantes que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, que abrange no total de 21 pessoas, independente de já terem questionado ou não a sua crença, nunca pensaram em desistir de ser um Behaviorista Radical.

Tabela 8 – Número de respostas dos participantes que já pensou em desistir de ser Behaviorista Radical por acreditar em Deus.

Já pensou em desistir	Número de respostas
Não	21
Sim	0

Já a Tabela 9 indica que 14 participantes que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, acreditam também na compatibilidade entre essa sua crença com os pressupostos do Behaviorismo Radical. Apesar de que 2 participantes disseram que é possível, ao mesmo tempo, compatibilizar e não compatibilizar essas duas idéias. A forma com que os participantes compatibilizam essas duas questões ou a maneira com que lidam com a incompatibilidade estão expressos nas Tabelas 10 e 11, respectivamente.

Tabela 9 – Número de respostas dos participantes que acreditam na compatibilidade entre o Behaviorismo Radical e a crença em Deus ou em algo semelhante a esse conceito.

Acredita na compatibilidade	Número de resposta
Sim	14
Não	6
Sim e não	2

Tabela 10 – Maneira pela qual os participantes compatibilizam essas duas questões, relacionado com o número de justificativas dadas.

Como compatibiliza	Número de justificativas
1. Separa as duas questões.	8
2. A ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar todos os fenômenos.	4
3. Entende a prática religiosa do ponto de vista científico	1
4. Não pensa nisso	1
5. Outros	3

Tabela 11 – Maneira pela qual os participantes lidam com a incompatibilidade entre essas duas noções, relacionado com o número de justificativas dadas.

Como lida com a incompatibilidade	Número de justificativas
1. Uma teoria abrange o mundo material e a outra o imaterial.	3
2. Separa as duas questões.	3
3. A ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar todos os fenômenos.	2
4. Entende a prática religiosa do ponto de vista científico.	1
5. Não pensa nisso.	1

Em relação aos participantes que se consideravam ateus ou agnósticos (total de 8 participantes), coincidiu a quantidade dos que se tornaram depois do contato com o Behaviorismo Radical (4 participantes), assim como dos que se tornaram antes desse contato (4 participantes). Apesar disso, um participante disse que não acreditava, nem desacreditava em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, mas ao mesmo tempo afirmou que foi depois do seu contato com o Behaviorismo Radical que seus questionamentos começaram a surgir e, por esse motivo, assim como está demonstrado na Tabela 12, esse participante foi incluído nessa categoria.

Tabela 12 – Número de participantes que tornou-se ateu ou agnóstico, antes ou depois do contato com o Behaviorismo Radical.

Quando tornou-se ateu ou agnóstico	Número de participantes
Depois	5 ^a
Antes	4

Nota.

^aUm participante relatou que não sabe se existe ou não um Deus, mas afirmou que o Behaviorismo Radical influenciou nos seus questionamentos à respeito dessa existência.

Alguns motivos contribuíram para que os participantes, que ao todo eram 8, se tornassem ateus ou agnósticos. Esses motivos, conforme indica a tabela 13, tiveram ou não haver com algumas premissas do Behaviorismo Radical. A causa que mais contribui, com um total de 3 indicações, foi o questionamento do papel da religião na sociedade e na vida das pessoas, assim como os seus ritos. Apesar disso, a grande maioria dos participantes indicou causas diferentes uma das outras. E apenas dois participantes justificaram, dizendo que o Behaviorismo Radical não influencia nessa sua opção.

Tabela 13 – Motivos que contribuíram para que a pessoa se tornasse ateu ou agnóstico, relacionados com as premissas do Behaviorismo Radical ou não, de acordo com o número de justificativas dadas.

Motivos	Número de justificativas
1. Papel cultural, político e histórico da religião.	6
2. Behaviorismo Radical não influenciou	3
3. Visão dualista/Análise conceitual	3
4. Contradição da teologia	1
5. História de reforço	1
6. A crença adquirida por contingência	1
7. Evolucionismo	1
8. Livre-arbítrio	1
9. Deus: conceito totalmente construído.	1
10. Comportamento Supersticioso	1

DISCUSSÃO

Todos os indivíduos que participaram desse estudo consideravam-se Behavioristas Radicais, isto é, alegaram concordar com os pressupostos teóricos defendidos por Skinner para uma ciência do comportamento. Como tal, a maioria desses participantes (21 pessoas de 30) disse que acreditava em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, sendo que apenas oito disseram não acreditar. Vale ressaltar que foram entrevistados apenas Analistas Comportamentais de Brasília ao se considerar a quantidade de behavioristas radicais que existe atualmente.

Os resultados obtidos na Tabela 3, que dizia respeito ao número de participantes que acreditavam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, de acordo com o tempo em que se consideravam Behavioristas Radicais, sugere que o tempo de estudo de uma pessoa, ou do contato que ela tem com essa abordagem, está relacionada à mudança de alguma crença. No estudo em questão, da crença em Deus ou em algo superior, semelhante a esse conceito. Segundo o relato de um participante: “Quanto mais tempo você estuda, mais você questiona os valores e as crenças que você tem.”.

Isso fica claro ao observar a Tabela 10, que diz respeito ao item 7 do questionário, no qual os participantes são questionados quando foi que eles se tornaram ateus ou agnósticos, sendo que cinco, de um total de nove, respondeu que foi depois do contato com o Behaviorismo Radical. Esse dado reforça ainda mais a idéia de que um estudo específico de uma determinada teoria, neste caso do Behaviorismo Radical, pode influenciar em alguns questionamentos, que muitas vezes vão contra a valores e crenças individuais. Este resultado esta de acordo com a Tabela 4, na qual indica que a maioria dos participantes, (i.e., 13 de um total de 21), já se questionou sobre a existência de Deus por acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical.

Este dado acima indica que, apesar de os participantes já terem questionado, não deixaram de acreditar em Deus ou em algo semelhante a esse conceito. Pode-se inferir daí, como hipótese, o papel cultural que a religião exerce na vida das pessoas e como exerce também controle sobre o comportamento dos próprios behavioristas radicais, no sentido destes viverem em uma sociedade a qual, na maioria das vezes, pune o indivíduo que se diz ateu ou agnóstico e reforça aquele que se diz religioso.

Ao mesmo tempo em que a maioria dos participantes já se questionou a respeito de sua crença em Deus, nenhum destes pensou em desistir de ser behaviorista radical devido a sua crença. Pode-se inferir o oposto disso, que ao invés de pensarem em desistir de ser um behaviorista radical, já pensaram em desistir de ser uma pessoa religiosa, conforme alguns participantes relataram durante a entrevista. Mas provavelmente essa é uma decisão difícil e conflituosa a ser tomada, – de acordo com os próprios participantes que se tornaram ateus influenciados pelo Behaviorismo Radical – por entrar novamente em conflito com a questão cultural e por envolver também o meio ao qual o indivíduo está inserido. Vale a pena indicar, neste caso, o controle que o ambiente e a história de vida do indivíduo exerce, mais uma vez, sobre o comportamento.

Segundo o relato de alguns participantes que se consideravam ateus ou agnóstico, é difícil entender como uma pessoa consegue ser behaviorista radical e ao mesmo tempo acreditar em algo transcendental ou em um ser sobrenatural e, em muitos casos, pertencer a uma determinada religião. Ora, a crença em algo transcendental, ou em um ser superior, na abordagem do Behaviorismo Radical, é justificada pelo fato do indivíduo estar inserido em uma sociedade, que possui toda uma tradição de crenças e valores culturais e, por esse motivo, acaba se envolvendo com tais crenças. Seja por reforçamento, positivo ou negativo, seja por uma relação acidental (comportamento supersticioso), ou até mesmo por punição.

Apesar de todo o conhecimento que esses Analistas do Comportamento, que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, possuem a respeito do que foi dito acima, possuem também outros conhecimentos, tais como a idéia do evolucionismo, a idéia do livre-arbítrio, bem como a visão monista/dualista de homem, dentre outros. Então, como justificar tal comportamento? Como compatibilizam essas questões, já que a maioria dos participantes (14 pessoas de 21) acredita que pode existir uma compatibilidade entre essas duas noções?

O comportamento de acreditar em Deus mesmo sendo Behaviorista Radical é justificado por eles mesmos e compatibilizados de uma maneira, cuja qual, a grande maioria, procura separar essas duas questões, não as misturando. Isto é, conforme apontado pelos participantes: “o que é crença, é crença, diz respeito a minha vida particular, à minha vida religiosa. Assim, não misturo o que sei ou acredito na minha vida pessoal com a minha vida profissional.”. Ou então afirmam que a ciência em si, ou o próprio Behaviorismo Radical, enquanto filosofia da ciência, não consegue explicar todos os fenômenos e por esse motivo se faz necessário recorrer a explicações

em outros campos, dentre eles, o religioso. Além dessas duas justificativas, os participantes desse estudo indicaram as outras formas com que compatibilizam essas duas noções, conforme mostra a Tabela 8.

Mas o estudo mostrou também que existem aqueles que acreditam em Deus ou em algo semelhante a esse conceito, mas que não acreditam na compatibilidade entre essas duas questões. As justificativas dadas para isso são bastante semelhantes das dos participantes que acreditam na compatibilidade, através de afirmações, tais como, de que a ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar tudo, ou então, que separam as duas coisas, o que é religião e crença é uma coisa e o que é ciência, teoria, é outra. E ainda, tem os que dizem que são incompatíveis porque as teorias não têm “nada haver” uma com a outra, já que uma abrange o mundo material e a outra o mundo imaterial, além de outras justificativas, conforme indica a Tabela 9.

Uma pessoa pode se comportar de diferentes maneira em ocasiões diferentes. Por exemplo, a maneira que se comporta no contexto particular pode ser bem diferente do modo com que se comporta no contexto profissional. Segundo Skinner (1953/2000), isso acontece porque “tipos de comportamentos que são eficazes ao conseguir reforço em uma ocasião A são mantidos juntos e distintos daqueles eficazes na ocasião B.” (p. 312). Isso explica o porquê um indivíduo consegue se comportar de uma determinada maneira em uma situação e de uma outra maneira em uma outra situação completamente diferente. Essa é uma das formas, portanto, que os participantes desse estudo utilizam para compatibilizar ou lidar com a incompatibilidade de uma crença em algo superior metafísico com os pressupostos do Behaviorismo Radical.

Ao analisar as justificativas utilizadas tanto para explicar a forma com que os participantes compatibilizam essas duas questões, assim como lidam com a incompatibilidade, fica claro que as respostas são de certa forma, semelhantes. Pode-se atribuir isso a uma falha na forma com que foi elaborada essa questão, o que pode ter levado a interpretações diferentes de cada participante. Talvez seria mais apropriado se fosse feita a pergunta de uma forma mais específica, como por exemplo: “Você acredita na compatibilidade entre o Behaviorismo Radical e a crença em Deus ou em algo semelhante a esse conceito?”, ao invés da pergunta: “Você acredita que as duas noções são compatíveis?”. Seria mais apropriado também perguntar como o indivíduo lida com a compatibilidade ou com a incompatibilidade tanto no contexto pessoal quanto no contexto profissional, já que muitos acreditam que são incompatíveis apenas na teoria.

Apesar dessa deficiência ter sido encontrada ao longo da computação dos resultados, não impediu que estes retratassem a existência de behavioristas radicais que acreditam que essas noções podem ser compatíveis ou incompatíveis, mesmo eles acreditando em Deus ou em algo semelhante a esse conceito. Retratou também, a maneira como os próprios behavioristas radicais compatibilizam essas questões ou lidam com a incompatibilidade entre elas.

Ainda sobre esse aspecto, percebe-se que os quatro tipos de relações indicadas por Barbour (1990), estão presentes na forma com que os behavioristas radicais compatibilizam ou não essas questões. Os participantes, num total de 11, presentes na categoria que separa as duas coisas, utilizam a relação de independência, ou seja, reconhecem que ambas utilizam metodologias e linguagens diferentes, e por isso as isolam entre si.

Já os participantes, num total de 7, utilizam a relação de diálogo para compatibilizar ou lidar com a incompatibilidade entre essas duas questões. Esses participantes estão presentes na categoria dos que acreditam que a ciência ou o Behaviorismo Radical não consegue explicar tudo e na categoria outros, que tinha como resposta, por exemplo: “a religião te dá uma regra e a Análise do Comportamento lhe dá o caminho de como fazer em função dessa regra”. Isso porque esse tipo de relação se refere a interações indiretas entre religião e ciência, pelo fato de ambas incluírem questões às quais não conseguem responder e, além disso, ambas trabalham com a coerência, a compreensão e a utilidade como critérios.

Os participantes presentes na categoria dos que entende a prática religiosa de outras pessoas, do ponto de vista científico ou na categoria outros, que teve como resposta, por exemplo: “acredita no poder da prece ou da meditação sobre o organismo, sobre o fisiológico”, ou que “pensa em Deus como uma inteligência que tem haver com os princípios e regularidades com as quais o Behaviorismo Radical trabalha”, utilizam a relação de integração, num total de quatro participantes. Esse tipo de relação é considerada como sendo a interação direta entre ciência e religião, no qual combinam-se conceitos de teologia e ciência em uma única estrutura.

Já os participantes, num total de três, que estão englobados na categoria dos que acreditam que uma teoria abrange o mundo material e a outra o imaterial, utilizam a relação de conflito para lidar com a incompatibilidade, já que existe uma contradição entre esses dois aspectos, ambas abrangendo aspectos completamente diferentes. Seria, portanto, o materialismo científico e o literalismo bíblico, tomados como realidades absolutas.

Vale ressaltar que, embora esse exemplo acima seja, a princípio, considerado uma relação de conflito, possui também características de uma relação de independência. Na medida em que os participantes mencionam que as teorias não têm “nada haver”, significa também que ambas as teorias estão isoladas entre si, principalmente pelo fato de que tanto a ciência quanto a teologia utilizam-se de critérios diferenciados em suas investigações e em suas explicações. Além de existir o fato de que uma está voltada para o estudo das coisas materiais e a outra para as coisas imateriais. Pode-se dizer, portanto, que nesse caso se estabeleceu ao mesmo tempo uma relação de independência e de conflito.

De acordo com esses achados, é possível afirmar que o tipo de relação mais utilizado pelos participantes nesse estudo, para justificar a forma com que compatibilizam as duas questões ou lidam com a incompatibilidade entre elas, é a relação de independência. Possivelmente porque esta evita que uma possível relação de interação, diálogo e/ou conflito aconteça, pelo fato de ambas teorias e pressupostos ficarem isolados entre si. Já a relação menos utilizada foi a relação de conflito já que este pode ser considerado como aversivo e, por este motivo, as pessoas o evitam. Esse tipo de relação mostra claramente a incongruência existente entre essas duas idéias e assim, ao evitar esse tipo de relação, a pessoa evita também enxergar as suas próprias incoerências. Sendo que, os participantes que utilizam esse tipo de relação, são os que não acreditam na compatibilidade entre essas duas noções e essa é a forma que encontraram para lidar com a incompatibilidade entre elas.

As respostas obtidas nas questões 8 e 9 do questionário, que tinha por objetivo investigar quais foram os motivos que contribuíram para que o indivíduo se tornasse ateu ou agnóstico, sendo influenciado ou não pelo Behaviorismo Radical, apontaram para a possibilidade de que esta filosofia, de fato, influenciou em vários aspectos. Os resultados sugerem que os aspectos ou conceitos que são apresentados nessa abordagem contribuíram tanto para que os behavioristas radicais se questionassem a respeito da existência de Deus ou a algo semelhante a esse conceito (questão 4.1), quanto para que eles pudessem mudar de opinião a respeito dessa sua crença, tornando-se ateu ou agnóstico.

As respostas que foram semelhantes nessas duas questões e que contribuíram para um questionamento ou até mesmo para a mudança de uma crença, foram: a idéia do evolucionismo, o livre-arbítrio, a religião como agência controladora, o comportamento supersticioso e os questionamentos a respeito da visão dualista de homem. Todos esses aspectos ou conceitos, são

estudados pelos behavioristas radicais e entram em choque com o que a religião apresenta como sendo a verdade e que está por sua vez “impregnado” na cultura, em especial na cultura ocidental. Por esses motivos que a maioria dos entrevistados já levantaram questionamentos à respeito do que pregam algumas religiões.

Fica claro, portanto, que ao se estudar uma abordagem, nesse caso em especial, o Behaviorismo Radical, surgir questionamentos é um processo normal. Principalmente porque os pressupostos tanto da religião, quanto dessa filosofia da ciência, entra em choque em vários momentos e em vários aspectos. Assim, pelo menos em termo teóricos parece difícil conciliar ambas as teorias. Mas na prática, os resultados mostraram que os participantes, em sua maioria, conseguem compatibilizar essas duas questões, seja criando uma relação de independência, de diálogo, de integração ou até mesmo de conflito, assim como alguns participantes indicaram. Além disso, a compreensão do homem ou da ciência em relação à existência de Deus é pequena e portanto, questionar a sua existência é um comportamento considerado comum entre as pessoas, principalmente para aqueles que adotam uma filosofia que está baseada nos pressupostos científicos.

Vale ressaltar, como apontado anteriormente, que o estudo dos pressupostos do Behaviorismo Radical, assim como o tempo ou aprofundamento desse estudo, influencia no desenvolvimento de uma crença ou descrença em algo. Os behavioristas radicais, por estarem imersos em uma cultura na qual a religião está muito presente e é muito valorizada, torna difícil, em alguns momentos, tomar uma decisão a respeito de sua crença e de seus valores. Ainda existe a punição social e o julgamento de outras pessoas, já que estes pertencem ao meio que reforça o comportamento religioso. Além disso, uma crença ou um valor é muitas vezes adquirido pela pessoa através da história de aprendizagem e através do ambiente em que foi criada, o que torna mais ainda difícil o rompimento com alguma religião ou com alguma crença em algo, como Deus.

Para o momento, cabe indicar que os behavioristas radicais são seres humanos que se comportam e que estão expostos às relações de contingências existentes e que são controlados por elas. São organismos, como qualquer outro, que se comportam dentro de contexto, mas que têm como diferencial a compreensão verbal de como esse processo de interação e de controle funciona, mas ainda assim se deixam influenciar por algo que vai além do seu mundo físico e material. Ou seja, são indivíduos que acreditam em um Deus ou em uma força superior

transcendental por contingências de reforço ou punição, ao mesmo tempo em que, racionalmente, concordam e defendem os pressupostos do Behaviorismo Radical.

Assim, independente de terem toda uma formação e toda uma bagagem de conhecimento que indica quais são as variáveis existentes no meio que exercem controle sobre o seu comportamento e até mesmo do que é o próprio comportamento, os behavioristas radicais, pelo menos a sua grande maioria, ainda prefere acreditar em algo que o reforça, isto é, que reforça esse seu comportamento de alguma maneira. Neste caso, acreditam em Deus e são, claramente, reforçados por isso.

APÊNDICES

APÊNDICE 1

QUESTIONÁRIO

1. Você se considera um Behaviorista Radical? Isto é, concorda com os princípios filosóficos defendidos por Skinner para uma ciência do comportamento?

2. Há quanto tempo você se considera um Behaviorista Radical?

3. Você acredita em Deus ou em algo semelhante a este conceito?

*** Se sua resposta na questão 3 for “sim”, responda as perguntas de número 4 a 6.2.**

*** Se sua resposta na questão 3 for “não”, pule para as perguntas de número 7 a 9.**

4. Você já questionou sobre a existência de Deus em algum momento de sua carreira, por acreditar nos pressupostos do Behaviorismo Radical?

4.1. Se sua resposta na questão 4 for “sim”, qual o conceito ou aspecto do Behaviorismo Radical te fez questionar?

5. Você já pensou em desistir de ser um Behaviorista Radical por causa de sua crença em Deus?

6. Você acredita que as duas noções são compatíveis?

6.1. Se sua resposta na questão 6 for “sim”, como você compatibiliza essas duas noções?

6.2. Se sua resposta na questão 6 for “não”, como você lida com a incompatibilidade?

7. Você tornou-se ateu ou agnóstico antes ou depois do contato com o Behaviorismo Radical?

8. Quais os motivos que contribuíram para essa opção?

9. Dentre estes motivos, algum (s) se relaciona com as premissas do Behaviorismo Radical?

APÊNDICE 2

Prezado Senhor (a),

Sou estudante do último semestre do curso de psicologia do UniCEUB – Brasília/DF, e para concluí-lo, estou escrevendo uma monografia, sob orientação do Professor Doutor Carlos Augusto de Medeiros.

O tema em pauta trata da relação entre o Behaviorismo Radical e a Religião. Para tanto, estou fazendo uma pesquisa de campo com professores, mestrandos e doutorandos em Análise do Comportamento, tendo por objetivo principal verificar a existência ou não de crenças religiosas entre os behavioristas radicais e como estes lidam com isso.

Dessa forma, preparei um instrumento de coleta de dados para obter as informações necessárias para subsidiar meu trabalho. Esse instrumento contém no total 9 perguntas do tipo aberta e fechada e leva em média 5 minutos para ser respondido.

Gostaria, portanto, de marcar um horário com o senhor (a) de acordo com a sua disponibilidade, para que possa respondê-lo. Peço por gentileza seus préstimos, pois será somente por intermédio dele preenchido que poderei concluir minha pesquisa.

Sendo assim, aguardo a confirmação do dia e do horário que sejam compatíveis com suas atribuições, no seguinte endereço eletrônico: xx@xx.xx ou se preferir, no seguinte número: xxx-xxxx.

Na certeza de contar com sua contribuição, agradeço antecipadamente em meu nome e em nome do meu orientador.

Adriana Gebrim.

APÊNDICE 3

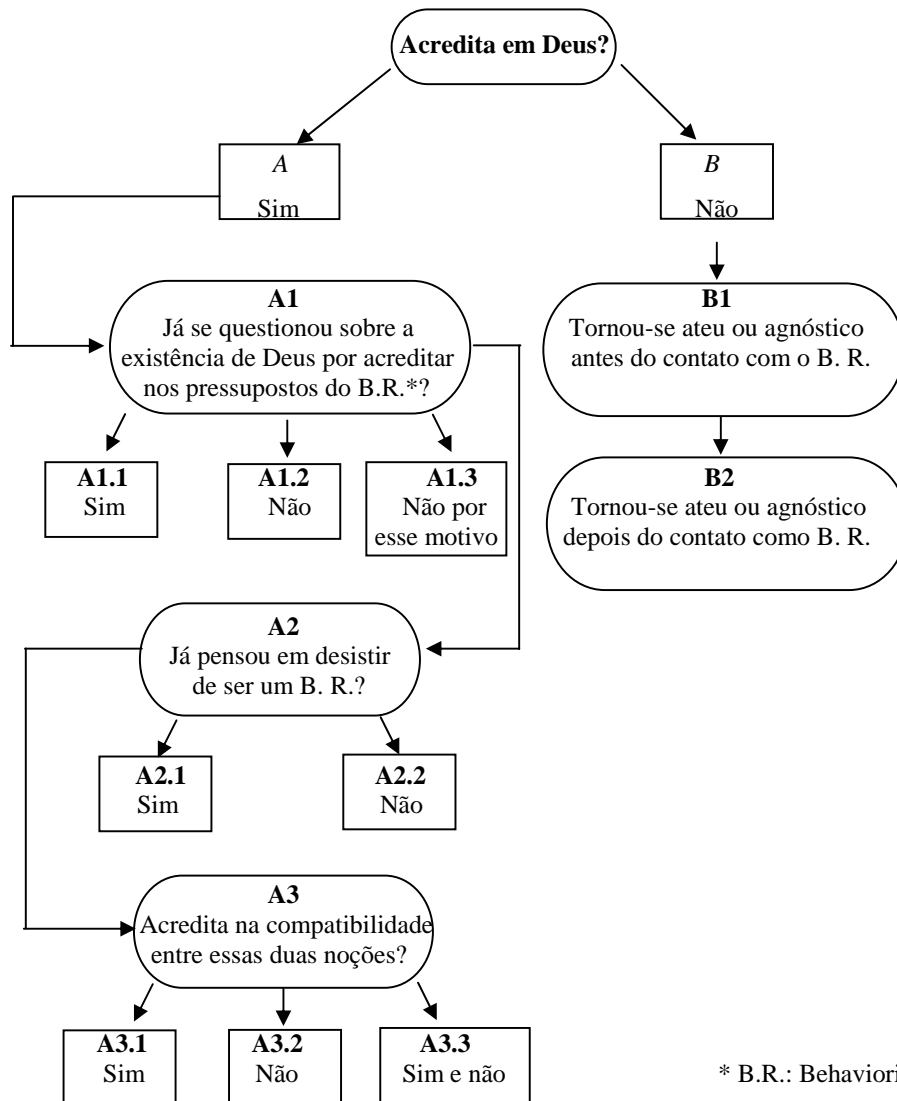


Figura 1: Respostas dadas pelos participantes, de acordo com as categorias e subcategorias indicadas.

ANEXOS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ABREU-RODRIGUES, J. (1987). Notas sobre os fundamentos do behaviorismo. *Psicologia: teoria e pesquisa*. Vol. 4, N° 2, p. 129-136.

ABREU-RODRIGUES, J. & SANABIO, E. T. (2001). Eventos privados em uma psicoterapia externalista: causa, efeito ou nenhuma das alternativas? Em H. J. Guilardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição*. Vol. 7 (pp. 206-216). Santo André, SP: ESETEC.

ALLÈGRE, C. (1997). *Deus face à ciência*. Lisboa: Gradiva, 1998.

AMABIS, J. M. & MARTHO, G. R. (2002) *Fundamentos da biologia moderna*. São Paulo: Moderna.

ANDERY, M. A. P. A. (1997). O modelo de seleção por consequências e a subjetividade. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição: aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista, Vol.1* (pp.199-208). Santo André: Esetec.

BAUM, W.M. (1994). *Compreender o behaviorismo. ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

BARBOUR, I. (1990). *Religion in an age of science*. The Gifford Lectures. 1989 – 1991 (Vol. I). San Francisco: Hasper.

BENVENUTI, M. F. (2001). Comportamento “supersticioso”: Possíveis extensões para o comportamento humano. Em H. J. Guilardi, M. B. B. P. Madi, P. P. Queiroz, & M. C. Scoz (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição, Vol. 8* (pp. 29-34). Santo André: ESETEC.

BLEGER, J. (1983). *Psicologia da conduta*. Porto Alegre: Artes Médicas.

CATANIA, A. C. (1999). *Aprendizagem: Comportamento, linguagem e cognição*. Porto Alegre: Artmed.

FERSTER, C. B. & PERROTT, M.C. (1968). *Princípios do comportamento*. São Paulo, SP: Hucitec, 1977.

HAUGHT, J. F. (1942). *Deus após Darwin: Uma teologia evolucionista*. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio, 2002.

HERRNSTEIN, R. J. (1966). Superstition: A corollary of the principles of operant conditioning. In W. K. Honig (Org.) *Operant behavior: Areas of reserch and application*. (pp. 33-51). New York: Applenton-Century Crofts

MATOS, M. A. (1997). O behaviorismo metodológico e suas relações com o mentalismo e o behaviorismo radical. Em R.A. Banaco (Org.). *Sobre comportamento e cognição, Vol. 1* (pp. 54-67). São Paulo: ARBytes.

MAYR, E. (1982). *O desenvolvimento do pensamento biológico*. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 1998.

MICHELETTO, N. (1997). Bases filosóficas do behaviorismo radical. Em R. A. Banaco (Org.), *Sobre comportamento e cognição. Vol. 1* (pp. 29-44). Santo André: ARBytes Editora.

PETERS, T. & BENNETT, G. (2003). *Construindo pontes entre a ciências e a religião*. Unesp.

SAGAN, C. (1985). *Contato*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara Dois.

SCHOENFELD, W. N. (1982). *Religion and human behavior*. Boston: Authors Cooperative, Inc., Publishers, 1993.

SKINNER, B. F. (1957). *O comportamento verbal*. São Paulo: Cultrix, 1978.

SKINNER, B. F. (1953). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SKINNER, B. F. (1969). *Contingências do reforço. Uma análise teórica*. Textos Escolhidos. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

SKINNER, B. F. (1971). *O mito da liberdade*. 2. ed. São Paulo: Summus.

SKINNER, B. F. (1974). *Sobre o behaviorismo*. São Paulo: Cultrix.

TOURINHO, E. Z. (1999). Eventos privados: O que, como e porque estudar. Em R. R. Kerbauy & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição, Vol. 4*. (pp. 13-25). Santo André, SP: ARBytes.

TOURINHO, E. Z. (2003). A produção de conhecimento em psicologia: A análise do comportamento. *Psicologia ciência e profissão, Vol. 23, n. 2* (pp. 30-41). Brasília, DF: UnB.